

DIREITOS RESERVADOS



Se analisarmos a evolução da procura turística nos Açores verifica-se que esta tem sido muito irregular, com ciclos de crescimento e de redução significativamente mais acentuados do que a média nacional. O atual período de forte crescimento aporta importantes oportunidades e potencia a realização de investimentos, mas estes devem ser ponderados, pois não há certezas até quando dure.

“Pode passar-se um pouco o que ocorreu em outros destinos, em que o enfoque foi centrado essencialmente no crescimento”

Acresce que este ciclo de crescimento também encerra alguns problemas, acentuando a pressão turística, podendo contribuir para uma redução da qualidade da experiência turística e da preocupação no planeamento e ordenamento turístico.

Pode passar-se um pouco o que ocorreu em muitos outros destinos, em que o enfoque foi centrado essencialmente no crescimento, verificando-se depois importantes impactos negativos, perda de competitividade e a necessidade de fazer grandes investimentos para corrigir erros do passado.

Francisco Silva

Geógrafo (FL-ULisboa), mestre em Sistemas de Informação Geográfica (ISEGI-UNL), doutor em Geografia e Planeamento Regional e Urbano (ULisboa) e Especialista em Turismo e Lazer (ESHTE). Professor adjunto na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ESHTE), onde tem assumido vários cargos, designadamente presidente do Conselho Pedagógico, membro da Comissão Científica Executiva do Mestrado em Turismo, diretor do Curso de Gestão do Lazer e Animação Turística e Secretário do Conselho Geral. Investigador no TERRITUR/Centro de Estudos Geográficos (IGOT-ULisboa) e no CIDI - Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação da ESHTE. Consultor em turismo, monitor e formador em vários desportos de aventura como canyoning, montanhismo, escalada e manobras de cordas.

Em momentos de forte otimismo é difícil convencer os stakeholders do turismo e as comunidades para se preocuparem com a definição de um modelo com uma visão de futuro. Os Açores são «uma pérola no meio do Atlântico Norte», um destino raro, especial e frágil, que tem de se cuidar e melhorar muito em termos de

resiliência do setor, na coesão territorial, na qualidade de alguns serviços e ao nível da sustentabilidade.

Em síntese, os conselhos seriam: potenciem as oportunidades, mas cuidado com a euforia!, e trabalhem na definição e consecução de um modelo de desenvolvimento de longo prazo ancorado na qualidade, autenticidade e sustentabilidade, que permita reforçar a identidade dos Açores como um destino “único” e de excelência.

Que produtos ainda podem ser melhorados e potenciados no destino Açores?

O desenvolvimento turístico pressupõe um esforço de melhoria contínua, tanto ao nível dos destinos como dos produtos. Esse trabalho é ainda mais necessário quando estamos perante destinos jovens, como é o caso dos Açores. O mar, natu-

“Trabalhem na definição e consecução de um modelo de desenvolvimento de longo prazo ancorado na qualidade, autenticidade e sustentabilidade”

reza e cultura formam na região uma tríade que, em simbiose, potenciam a imagem do destino, que é único e como tal deve ser “vendido” como especial.

Apesar de os Açores apresentarem uma imagem muito associada à natureza e uma notoriedade reconhecida pelos visitantes e por classificações e atribuição de vários prémios ambientais e turísticos, não conseguem ainda destacar-se como um dos destinos mais inovadores e com melhor oferta e práticas ao nível dos seus principais produtos.

Neste sentido, necessitam de desenvolver um amplo trabalho para melhorarem a oferta, a qualidade e a notoriedade do destino, em particular nos produtos estratégicos e nalguns segmentos-âncora. Poderá ser importante promover uma maior segmentação dos mercados de natureza e náutico, com especial ênfase para os nichos que privilegiam, simultaneamente, as experiências, o bem-estar, a aventura e o ecoturismo.

O investimento, mais do que estar focado na promoção, deve privilegiar a qualificação e diferenciação da oferta. Nesse sentido, deve apoiar-se a implementação de modelos de negócio que promovam uma forte interação positiva com os clientes; a valorização dos produtos; e estimulem os fatores de diferenciação pela qualidade e inovação, em vez de uma concorrência agressiva pelo preço.

Simultaneamente, é necessário considerar que o património cultural, material ou imaterial, é um importante atrativo deste destino, nomeadamente as festividades, a arquitetura religiosa e rural ou aquele que está, ou esteve, ligado a atividades tradicionais, como a

baleação ou a vinha em curraletas, devendo ser potenciado como recurso turístico.

Como pode ser interpretada a recente saída da Easyjet dos Açores? Há o risco de o mesmo acontecer com a Ryanair?

Se os transportes aéreos são determinantes para o desenvolvimento dos destinos, no caso dos Açores essa importância é acentuada pela insularidade e dispersão territorial. Os governos nacional e regional estão conscientes disso e têm atuado para encontrar as melhores soluções, realizando importantes investimentos.

A liberalização do mercado aéreo e a entrada das companhias de baixo custo é uma política que parece estar a dar resultado, mas este é um processo recente e mais complexo de interpretar do que parece.

Parte do crescimento da procura certamente que se deve ao aumento da frequência dos voos e descida das tarifas, mas, simultaneamente, a viabilidade desses voos só foi possível por ter coincido com um período em que o turismo internacional voltou a ganhar forte dinâmica e alguns destinos nossos concorrentes perderam atratividade.

O recente ciclo de forte crescimento turístico nos Açores iniciou-se antes da entrada das companhias de low cost. Nos cinco meses que precederam a liberalização deste espaço aéreo, o crescimento médio mensal das dormidas foi de 24,8%.

A continuidade da oferta deste tipo de companhias irá sempre depender do seu interesse comercial e isso exige apoios e procura suficiente por parte dos açorianos e dos turistas, pelo que não está dependente só do governo ou das companhias.

“Açores necessitam de desenvolver um amplo trabalho para melhorarem a oferta, a qualidade e a notoriedade do destino”

Se a procura continuar a aumentar, particularmente fora da época alta, existirão condições para se manter o interesse da Ryanair e, eventualmente, surgirem outras companhias de baixo custo.

Estas são muito importantes para os Açores, essencialmente no papel que têm na redução da sazonalidade, que é um dos principais problemas do destino, e para as comunidades locais, mas não são solução para os voos inter-ilhas, para os quais se deveria apostar num modelo mais sustentável que o atual.

Por sua vez, o desenvolvimento do setor do turismo na região exigirá reduzir a dependência da procura nacional, pelo que é fundamental incrementar a oferta de rotas internacionais, particularmente com algumas grandes cidades europeias. ♦